

Estudos do Trabalho

Ano XIV – Número 25 – 2020

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

O Averso da Moda: Características Gerais da Fábrica de Confeções Têxteis de Auriflama (SP- Brasil)

Vitor Luiz Carvalho da Silva¹

Introdução

As transformações delineadas no contexto neoliberal de reorganização do Estado, da política, da economia e do trabalho, nos colocam diante de uma nova divisão internacional do trabalho. Tais alterações vêm provocando mudanças, especialmente, relacionadas às atividades produtivas, tais como, o surgimento das cadeias globais de valor e suas principais características, flexibilização e fragmentação dos processos de produção e do trabalho. Este processo tem ocorrido nos países subdesenvolvidos, na qual, empresas transnacionais concentram atividades produtivas em manufaturas – indústrias de baixa complexidade tecnológica –, mantendo nos países de origem (centrais), escritórios, processos de criação (*design*) e o sistema de vendas (*marketing*) (ABREU, 1986; ANTUNES, 2010).

Após a abertura comercial iniciada pelo governo Fernando Collor de Mello (1990-1992) e intensificada pelo governo Fernando Henrique Cardoso (1995- 2003), o Brasil tornou-se um grande atrativo para empresas transnacionais, sobretudo no ramo da indústria têxtil e de eletrônicos, que buscam, além da redução de custos, novos

¹Mestrando em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista (UNESP); bolsista 2018/17185-7 Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), e-mail: vitor_carvalho@yahoo.com

Estudos do Trabalho

Ano XIV – Número 25 – 2020

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

mercados. O período conturbado marcou, também, o colapso da indústria têxtil e de confecções brasileira, que viu, durante o processo de abertura comercial, a entrada massiva de produtos estrangeiros no mercado nacional, inúmeras empresas abriram processo de falência, engolidas pelos produtos estrangeiros, de baixo custo e de alta qualidade. Outras se reestruturaram para regiões que permitiram reduzir os custos e se manterem ativas no mercado (AMORIM, 2003; ARAUJO; AMORIM, 2001).

Essas transformações no mundo do trabalho repercutem diretamente na divisão sexual do trabalho, nos processos de inovações gerenciais e introdução tecnológica que atingem de forma diferenciada homens e mulheres. No caso da indústria de confecções, cuja força de trabalho é majoritariamente feminina, os postos ocupados pelas mulheres geralmente são os de baixa inserção tecnológica, como: o corte e a costura, mas também, em trabalho domiciliar, fábricas e cooperativas, na qual, os riscos de adoecimento devido ao trabalho manual e repetitivo tende a aumentar com as exigências de produtividade e qualidade dos produtos. Quando se trata de modernização de postos de trabalho, esses postos que exigem qualificação são ocupados geralmente por homens, mesmo que as mulheres possuam o mesmo nível de estudos, instrução e qualificação, prefigurando um sexo específico do trabalho, que é precário, intensivo e possui uma sociabilidade no processo reprodutivo (HIRATA, 1994).

O texto se organiza na seguinte forma, em primeiro momento trataremos de contextualizar o desenvolvimento da indústria na região de Aurifloma, evidenciando as mediações e o contexto do seu surgimento; em segundo momento, teceremos sobre características do pólo de confecções têxteis de Aurifloma e, por fim, no terceiro momento, trataremos sobre o avesso da moda, os processos de trabalho e precarização.

Estudos do Trabalho

Ano XIV – Número 25 – 2020

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Breve histórico do desenvolvimento da indústria na região de Aurifloma

A problemática da investigação faz referência as principais mudanças ocorridas na fábrica têxtil Ares Confeções², desde o período de sua formação. Ao longo do seu desenvolvimento, a fábrica de confecções têxteis, que se localiza em Aurifloma, interior do Estado de São Paulo, enveredou-se como um pólo industrial no setor de confecções da moda íntima feminina. Apesar de sua recente fundação – criada nos anos 1980 – e de seu estabelecimento em uma região que prevalece em larga medida, a agricultura e a pecuária.

Desse modo, ao buscarmos o conjunto de mediações que possibilitaram contornos industriais na região de Araçatuba, podemos perceber, segundo Gomes (2007, p. 54), que as mediações são referentes ao contexto nacional. O Segundo Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND), dentro de um contexto político de ditadura civil-militar (1964-1985), incentivou a descentralização da indústria da cidade de São Paulo para criar “macroeixos” econômicos. Beni (2008, p. 111), aponta que o investimento industrial do II PND se fixou próximo a Grande São Paulo, em cidades como: Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul³, bem como, em algumas cidades do interior do Estado de São Paulo, como: “Campinas” e “São José dos Campos”, dando margem ao desenvolvimento e a ramificação da industrial de bens de consumo duráveis. Na região de Araçatuba, as indústrias de transformação de bens de consumo não duráveis, sacralizou o sistema cana-boi.

As mudanças produtivas locais redesenham a agricultura regional desde os anos 1960, 1970 e meados dos anos 1980, esta tendência é reflexo da industrialização e

² Optamos, por questões de ordem objetiva, omitir o nome real da indústria que nos servirá de mote investigativo.

³ A região do ABC paulista ficou conhecida como a Detroit brasileira, visto que, o grande parque industrial e às instalações de grandes montadoras de automóveis e fabricantes de autopeças, puxaram o desenvolvimento automobilístico brasileiro.

Estudos do Trabalho

Ano XIV – Número 25 – 2020

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

modernização das cidades⁴, sobretudo durante o período conhecido como “milagre econômico” brasileiro. Segundo Gomes (2007), a modernização da agricultura estava acoplada a modernização das cidades, visto que, a criação de um sistema rodoviário e as mudanças no meio de transporte, foram elementos fundamentais para o fortalecimento e integração dos mercados regionais, na consolidação da indústria de bens de consumo não duráveis (alimentos, calçados, têxtil, etc.), e, por fim, na mudança da característica produtiva da região.

Gomes (2007, p. 34) salienta que a expansão da pecuária entre, a segunda metade dos anos 1950 e o início dos anos 1970, foi uma das principais mudanças no campo. As lavouras deram lugar a grandes áreas de pastagens, enquanto grande parcela dos trabalhadores foram trocados por máquinas na pecuária extensiva de corte. Foi nesse contexto dos anos 1950 a 1970 que tivemos um grande fluxo de passagem da população do campo para às pequenas e médias cidades, na região de Araçatuba⁵. Também como parte desse contexto, as mudanças engendradas criaram condições de instalação de algumas indústrias voltadas para laticínios (Nestlé e Alves Azevedo) e a pecuária, criando características produtivas específicas para cada região do Estado de São Paulo.

Vale ressaltar que, nessa época, no Brasil, a partir dos anos 1960 com o fortalecimento da indústria pesada, surgem novos setores na indústria de transformação com reatamento no processo produtivo agrário, em termos de incorporação de novas técnicas no campo, de novos cultivos, de incremento da produtividade. Dessa forma, na agropecuária, houve aumento da quimificação e tecnificação da produção e da transformação das relações de trabalho, com o trabalho assalariado (GOMES, 2007, p. 37).

O processo de crescimento de novos cultivos para indústria de transformação tornou-se uma tendência de desenvolvimento econômico local e regional, de diferentes modos, mas de características comuns. Na região de São José do Rio Preto, o cultivo da

⁴ O período compreendido como “milagre econômico”, centrou-se especialmente na cidade de São Paulo e nas cidades de seu entorno, Grande São Paulo.

⁵ Esse movimento ocorreu em diversas regiões do Estado de São Paulo, não ficando restrita exclusivamente a região de Araçatuba.

Estudos do Trabalho

Ano XIV – Número 25 – 2020

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

laranja, limão e outras frutas, ampliaram o mercado de frutas com a instalação de indústrias de processamentos de sucos concentrados, nesta região. A indústria extrativista da borracha integrou as atividades que correspondem ao plantio de seringueiras, bem como, o grande cultivo da cana-de-açúcar trouxe consigo usinas do setor energético.

O crescimento do plantio de cana-de-açúcar em 1970 despertou interesse na criação de uma nova matriz energética, a implantação do Programa Nacional do Álcool (Proálcool) em 1975 pelo governo militar de Geisel com o II PND (1975-1979), foi uma alternativa ao que ficou conhecido como primeiro choque internacional do petróleo 1973. O programa nacional em aliança com o governo estadual funcionou no Estado de São Paulo por meio do Pró-Oeste (1980) e o Plano Regional da Produção do Álcool (1979), incentivando a produção de etanol que compunha a mistura com a gasolina (GOMES, 2007).

O Oeste Paulista, em particular a região de Araçatuba, vislumbra a expansão do plantio de cana-de-açúcar para atender a demanda no mercado sucroalcooleiro, por exemplo, nesta região, entre 1970 e 1980 “foram instaladas várias usinas de álcool, entre elas: a Aralco S. A (1979); Alcoazul S. A (1980); Destivale S. A (1980); Cruzálcool (1981)” (GOMES, 2007, p. 36-37). Em 1979 se inicia uma nova fase do Proálcool. Esse ano data o segundo choque do petróleo. O governo federal em aliança com as indústrias automobilísticas investem na construção de veículos movidos a álcool hidratado. Inaugurando uma nova fase produtiva na região, o processo de monocultura da cana-de-açúcar.

A introdução de tecnologia no setor sucroalcooleiro criou novas demandas produtivas para o setor. O aumento do plantio de cana-de-açúcar tornou-se a principal atividade econômica da Região Administrativa de Araçatuba⁶, movimentando toda uma cadeia produtiva que, além do plantio de cana-de-açúcar em grandes propriedades

6 Auriflama nos dias atuais tem áreas expressivas de cana de açúcar, banana, laranja e seringueira.

Estudos do Trabalho

Ano XIV – Número 25 – 2020

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

rurais, o crescimento urbano, o aumento nos setores de serviços, comércios e indústrias, foram impulsionados pela “agricultura moderna” e toda infraestrutura apoiadas pelo Estado durante a implantação do ProÁlcool.

Dados do FIBGE e SEAD⁷ mostram que o crescimento da indústria no interior do Estado de São Paulo no período de 1960 a 1985, é significativo. A participação industrial passou 25,31% em 1970 para 30,59% em 1975. Registrando 37,6% em 1980 e 43,4% em 1985, registrando maior participação industrial durante a implantação do ProÁlcool.

Com a modernização do campo por meio dos avanços técnicos e tecnológicos a partir dos anos 1970, a agricultura tradicional perdeu espaço para a indústria voltada para campo, o agronegócio. Essa nova estrutura produtiva na agricultura regional, pressiona o rebaixamento das indústrias ligadas às atividades agrárias, que segundo Gomes (2007, p. 39), iniciou um processo de “diminuição na produção industrial do Oeste em relação ao Estado a partir dos anos 60 em função do fechamento de muitas empresas de beneficiamento de algodão e amendoim”, a participação na indústria só voltou a ter destaque em meados dos anos 1980.

Observa-se que há alteração na estrutura produtiva industrial do Oeste Paulista repercutindo na sua participação. Desse modo, para o conjunto das regiões compreendidas pelo Oeste Paulista, Araçatuba, Presidente Prudente, Marília e São José do Rio Preto, segundo dados dos Censos Industriais do IBGE, houve uma queda de participação do VTI. Em 1960 era de 3,7 % passando para 2,5% para em 1970 e chega a 2,3% em 1980. Já em 1985, houve um crescimento da participação do valor de transformação industrial passando para 2,9% (GOMES, 2007, p.39).

Esse crescimento na indústria de transformação, segundo Gomes (2007, p. 39) ficou centrado nas regiões de São José do Rio Preto e Araçatuba. Assim como nos processos anteriores, o desenvolvimento da indústria e da agricultura atende, além das

⁷ FIBGE - Censos Industriais - 1960, 1970, 1975 e 1980 e SEADE (1988).

Estudos do Trabalho

Ano XIV – Número 25 – 2020

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

próprias demandas do setor, outras demandas na cadeia produtiva, como: o setor do comércio, dos serviços, bem como a demanda por novas indústrias.

Neste sentido, para Gomes (2007, p. 40), os fatores determinantes que possibilitaram a industrialização no Oeste Paulista, centram-se sobre dois eixos: “1) a instalação das primeiras indústrias de beneficiamento de capital externo”; e as 2) “empresas de origem familiar e capital local”, desta maneira, a partir dos anos 1970 e 1980 a região vislumbra uma reconfiguração no cenário produtivo, a indústria deixou de ser ligada especificamente a atividades agropecuária e passa a ganhar novos contornos com outros ramos industriais, na região de Araçatuba, o destaque é para os ramos da indústria têxteis, calçados, alimentos e mobiliários.

Para Bini (2008, p.116) os anos 1990 proporcionaram novos arranjos institucionais e organizacionais que refletem na forma de produzir no campo, esses novos arranjos fazem parte de novos desafios de uma concorrência globalizada, foi preciso modernizar e produzir novos “parques agroindustriais, construindo plantas padronizadas com as novas tecnologias da informação” ainda segundo o autor “aprofundam-se os investimentos em inovações físico-químicas, mecânicas e biotecnológicas”, esse processo também ajuda a compreender o êxodo rural e o aumento da urbanização nas cidades pequenas e médias do Oeste e Noroeste Paulista.

Para Gomes (2007, p. 45), a indústria no Oeste Paulista não possui formação em grandes grupos industriais, principalmente em cidades pequenas e médias. Para autora, essas “empresas de origem local e familiar” são em grande parte pequenas e médias empresas, com um dinamismo industrial centrado em bens de consumo não duráveis como setores alimentícios, calçadista e têxtil. A empresa estudada, assim como outras empresas da região, teve origem e financiamento local e familiar, isso evidencia a contribuição do capital local e familiar na formação de empresas que não possui ligação agropecuária, quer dizer, com o processo de especialização e monocultura da agricultura após os anos 1970, foram às empresas locais que investiram no desenvolvimento da

Estudos do Trabalho

Ano XIV – Número 25 – 2020

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

indústria no Oeste Paulista, elaborando rearranjos produtivos, bem como, novas formas de organização do trabalho por meio da modernização tecnológica, para permanecer e/ou ampliar mercado.

Outro fator que possibilitou o crescimento industrial no interior do Estado de São Paulo foi à política de descentralização industrial articulada pelo governo Federal, o Segundo Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND).

[...] essas políticas de descentralização industrial foram elaboradas a partir de diretrizes do governo federal. Para o autor, “[...] em virtude da concentração de recursos e fontes de financiamento na área federal, desenvolveu um aparato de planejamento visando colocar-se como entidade privilegiada para coordenação das ações do governo Federal em São Paulo, como por exemplo, de programas “macroeixo” e “cidades médias”, que apenas seguiram a orientação do II PND”. (NEGRI, 1988 apud GOMES, 2007, p. 54).

Apesar dos incentivos para descentralização industrial, Beni (2008, p. 111) aponta para “uma interiorização do desenvolvimento mais próxima da Grande São Paulo. Foram as regiões de Campinas, São José dos Campos, Sorocaba, Piracicaba e Ribeirão Preto”, que receberam maior investimento que possibilitaram a diversificação industrial, enquanto a região de Araçatuba, concentrou-se, sobretudo, nos produtos de bens de consumo não duráveis, no sistema cana-boi.

O que importa assinalar, aqui, é que as macrorregiões como a de Araçatuba influenciaram diretamente no desenvolvimento das cidades menores, neste sentido, Auriflâma segue a esteira de Araçatuba na plantação de algodão, pecuária e cana-de-açúcar, seringueira etc, acompanhando os movimentos estruturais de transformações econômicas como o Proálcool em 1970 e os processos de urbanização, com o êxodo rural, balizados pelas transformações, financeiras, tecnologias e do mundo do trabalho.

Os contornos industriais nas pequenas cidades da região era característica comum após a crise do café, sobretudo com indústrias de beneficiamentos. A supressão das roças e o projeto de descentralização industrial do Estado de São Paulo contribuíram

Estudos do Trabalho

Ano XIV – Número 25 – 2020

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

para dinamização produtiva, por meio de arranjos produtivos locais, como é o caso de Auriflama, desenvolvendo indústrias ou ampliando as existentes de capital misto ou de características familiares. Cabe registrar, que aqui se inaugura uma nova fase de desenvolvimento da região, os apontamentos dessa nova fase condizem com a autonomia em relação ao campo, afunilando características particulares para cada região em relação às questões produtivas.

O arranjo produtivo local de investimento totalmente familiar criou um novo universo produtivo no município, a primeira fábrica de confecções têxtil criada em 1983 no ramo de confecções de roupas íntimas, deu início a instalação de um pólo industrial que se consolidou nos anos subsequentes, com a criação de novas empresas de porte expressivo, entre 1985 e 1995, além das pequenas empresas que somavam no início dos anos 2000, cerca de 30 empresas, empregando ao todo aproximadamente 15 mil trabalhadores diretos e indiretos no município de Auriflama e sua microrregião⁸, trataremos sobre a problemática da indústria de confecções a seguir.

Caracterização do pólo de confecções têxteis de Auriflama

O arranjo produtivo local de investimento totalmente familiar criou um novo universo produtivo no município, a primeira fábrica de confecções têxtil criada em 1983 no ramo de confecções de roupas íntimas (lingerie e moda praia), deu início a criação de um pólo industrial neste seguimento no município, que se consolidou nos anos subsequentes. As empresas que surgiram nos anos, de 1985 e 1995, foram formadas por ex-funcionários da primeira empresa de confecções que se instalou em Auriflama.

⁸Conferir a matéria de NOGUEIRA, Alessandra. Dona de confecções de Auriflama tem bens bloqueados na justiça. Folha da Região 12/04/2002. Disponível em:
<<http://jornalvirtual.folhadaregiao.com.br/arquivo//2002/04/12/econ01.php>> Acessado em: 20/11/2019.

Estudos do Trabalho

Ano XIV – Número 25 – 2020

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

As empresas atendiam, nesse período, uma demanda local e regional, as instalações eram de fundo de quintal (no próprio domicílio) e as máquinas, compradas aos poucos, de acordo com a expansão dos negócios, eram de segunda mão.

Para Lima (1999, p. 123) a crise econômica (fiscal e inflacionária) durante o período de transição do governo militar, na década de 1980, gerou um longo período de instabilidade para a indústria nacional. O aumento na taxa de desemprego levou a um crescimento significativo de “confeções e ateliês de costuras, além do crescimento do trabalho domiciliar”, prestadores de serviços para empresas maiores da cadeia produtiva.

Com o processo de redemocratização e sob o governo de Fernando Collor de Melo, no início dos anos 1990, a adesão aos princípios neoliberais como escolha econômica, implantou uma série de receitas para conseguir o equilíbrio fiscal e retomar o crescimento econômico, não surtiram efeitos. A abertura comercial e financeira desestruturou diversos segmentos da indústria, devido à substituição de importações de produtos nacionais por produtos importados (JINKINGS; AMORIM, 2006).

Como desdobramento da crise da dívida externa, o país perdeu o controle sobre essas variáveis, e a definição da política econômica doméstica passou a depender da anuência dos credores internacionais. O coroamento desse processo foi a adesão incondicional do governo brasileiro, após 1990, aos princípios neoliberais definidos pelo “consenso de Washington”. De lá para cá, os sucessivos governos tiveram bloqueadas importantes decisões econômicas, ficando à mercê das variações de humor de uma esotérica e onipotente entidade, o mercado (PIRES, 2010, p. 279).

Segundo Lima (1999, p. 124-125), as medidas adotadas durante o governo Collor “provocou em todo país um crescimento de pequenos negócios e da economia informal”, essas medidas atendiam o mercado regional de roupas femininas, que viu na informalidade uma oportunidade de crescimento que atendessem toda cadeia produtiva.

Estudos do Trabalho

Ano XIV – Número 25 – 2020

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

A política econômica do governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC) a partir de 1995, fundamentada na estabilidade monetária, sobrevalorização cambial, juros altos e privatizações (e fusões ou aquisições de empresas nacionais), aumenta a vulnerabilidade externa e agrava a situação produtiva do país que passa a importar mais do que exporta gerando déficits em transações correntes (JINKINGS; AMORIM, 2006).

Erros de estratégia e de política econômica a partir de 1995 (governo FHC) aumentaram a vulnerabilidade externa da economia brasileira e, portanto, colocaram o país em uma trajetória de instabilidade e crise. Ao longo dos anos o país tem experimentado uma redução gradativa e significativa da sua capacidade de resistência diante de fatores desestabilizadores e choques externo e, portanto, o Brasil tem mostrado os sintomas e sofrido as consequências da sua crescente vulnerabilidade externa. Não é a globalização que explica a crise. De fato, a crise é determinada pela vulnerabilidade externa do país, que tem raízes na estratégia de inserção internacional e nos erros de política do governo. (GONÇALVES, 2002, p. 161-162).

Para Singer (1999), o governo FHC esperava que a abertura comercial, o processo de financeirização da economia e as privatizações trouxessem uma chuva de capital estrangeiro que investiriam na modernização da indústria brasileira reequilibrando a balança comercial, o que de fato não ocorreu (SINGER 1999).

Seu governo conseguiu estabilidade monetária de forma similar ao que foi conseguido em países como Chile, Argentina, Peru, com a particularidade que foi aplicada a taxa de juros real mais alta do mundo para atrair capitais financeiros que dessem fundamento a essa estabilidade política e ideologicamente a operação foi um sucesso com a reeleição de Cardoso, derrotando a esquerda por duas vezes, no primeiro turno. Econômico e socialmente, no entanto, foi um desastre: depois de elevar o poder aquisitivo dos setores mais ricos, concentrando renda na cúpula em detrimento das camadas médias, os mais pobres também começaram a perder poder aquisitivo de forma direta e pela transferência da maior parte da população para a economia informal, perdendo renda e direitos. (SADER, 2007, p.137-138).

O Setor têxtil apresentou recuperação somente a partir de 1998, o crescimento mais expressivo e estável após tantos anos de queda no setor, foi no ano de 2001 com o

Estudos do Trabalho

Ano XIV – Número 25 – 2020

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

saldo positivo de US\$ 73 milhões, possibilitando a renovação dos maquinários dos pólos industriais, bem como a abertura de novas unidades produtivas.

Em entrevista ao jornal Folha da Região, um industrial de Aurifloma comenta sobre o otimismo da recuperação do setor têxtil e a renovação dos maquinários de sua empresa:

O empresário investiu US\$ 500 mil na aquisição de máquinas francesas que fazem o corte do tecido automaticamente. Com a nova máquina, a qualidade dos cortes melhorou e houve ainda uma economia de 10% a 15% na matéria-prima, já que a máquina não permite o desperdício de tecido (NOGUEIRA, FOLHA DA REGIÃO, 2001a)⁹.

Os reflexos do crescimento da informalidade podem ser contabilizados no início dos anos 2000, Aurifloma tinha, nesse período, mais de 30 empresas (de pequeno, médio e grande porte) empregando aproximadamente de forma direta ou indireta, segundo o Jornal Folha da Região, 15 mil trabalhadores no município de Aurifloma e sua microrregião¹⁰.

Em entrevista ao jornal Folha da Região, um industrial comenta sobre a boa fase da indústria confecções do município:

Na hora de entrada e saída dos operários, parte da cidade, especialmente a avenida Marcos Matarézio, ganha áreas de metrópole devido ao intenso movimento dos funcionários, muitos dos quais que chegam de ônibus das cidades vizinhas, como Magda, Guzolândia, General Salgado e Sud Menucci. "Só não tem emprego aqui quem não quer", [...] Ele diz que se a cidade oferecesse mais mão-de-obra, a indústria poderia com folga aumentar a sua produção. "Mercado e

⁹ NOGUEIRA, Alessandra. Empresário investe US\$ 5 mi no MS. Folha da Região. Araçatuba: 05/09/2001. Disponível em: <

http://jornalvirtual.folhadaregiao.com.br/arquivo/2001/09/05/econ01r1.php?PHPSESSID=&HTTP_REFERER=jornalvirtual.folhadaregiao.com.br> Acessado em: 17/05/2018.

¹⁰ Conferir a matéria de NOGUEIRA, Alessandra. Dona de confecções de Aurifloma tem bens bloqueados na justiça. Araçatuba- SP: Folha da Região 12/04/2002. Disponível em: <<http://jornalvirtual.folhadaregiao.com.br/arquivo//2002/04/12/econ01.php>> Acessado em: 20/11/2019.

Estudos do Trabalho

Ano XIV – Número 25 – 2020

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

estrutura nós temos, só falta gente para trabalhar" (SATO, FOLHA DA REGIÃO, 2002)¹¹.

Certamente a massa de pessoas disponíveis ao trabalho na região de Aurifloma foi fundamental para que as empresas buscassem negociar incentivos fiscais com o governo municipal, sem precisar transferir a empresa para outra região em busca de vantagens compensativas nos fatores de produção, como fica claro em outra passagem da entrevista concedida ao Jornal Folha da Região "Se a cidade quer a industrialização, a prefeitura é quem deve dar o primeiro passo, oferecendo incentivos para atrair as empresas", afirma o empresário (SATO, FOLHA DA REGIÃO, 2002).

Em 2002 a produção de lingerie e de moda praia ultrapassava 1 milhão de peças ao mês, o principal mercado é o interno, mas as empresas vendem para o Brasil todo, principalmente no Estado de São Paulo. Importa destacar que a crise no mercado têxtil Estadunidense e Argentino abriu um período fértil para o mercado têxtil Brasileiro, além da possibilidade de renovação no maquinário e melhoramento na qualidade dos produtos, algumas empresas do pólo, nesta época, se preparavam para exportação de seus produtos.

A recuperação do setor têxtil no início dos anos 2000 mobilizou os industriais e o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior Secretaria do Desenvolvimento da Produção, em torno de um cronograma de metas, crédito e investimentos de longo prazo, a ideia central é a adequação do padrão produtivo brasileiro aos padrões de produção internacional, em busca de mais qualidade nos produtos e de novo mercados, na qual, destaco alguns pontos do vasto documento apresentado (MDIC, 2002).

¹¹ Conferir a matéria de SATO, Eliane Eme. Confecções impulsionam setor industrial de Aurifloma. Araçatuba-SP: Folha da Região. 29/09/2002. Disponível em: <<http://jornalvirtual.folhadaregiao.com.br/arquivo/2002/09/29/cida06.php>> Acessado em: 20/11/2019.

Estudos do Trabalho

Ano XIV – Número 25 – 2020

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

- 1) Aumentar, até 2011, o número de postos de trabalho em 160 mil na indústria e em 160 mil na agricultura (em relação aos dados de 1999).
- 2) Aumentar as exportações da Cadeia Produtiva para US\$ 4,3 bilhões, no ano de 2008, o que significa atingir 1 % das exportações mundiais de têxteis.
- 3) Agregação de valor à produção exportável por meio de um Programa de Apoio Tecnológico à Exportação.
- 4) Promoção do aumento das exportações e de redução de custos, medidas de caráter geral, também acessíveis à Cadeia Têxtil.
- 5) Realizar investimentos em modernização e expansão da capacidade produtiva em todos os elos da Cadeia, em um horizonte de 8 anos, no valor total de US\$ 12,6 bilhões, com a utilização de recursos financeiros do setor empresarial, das linhas de crédito do BNDES e do Programa Brasil Empreendedor.
- 6) Aumentar a produtividade de mão-de-obra em cerca de 30% nos segmentos têxtil, fibras e confecções até 2008.
- 7) Regionalização da produção.

Segundo Sposito,(2015) o BNDS, o Sebrae junto com o sistema S (SENAI e SENAC) passaram a prestar consultorias em relação ao aprendizado, treinamento e capacitação, gestão e inovação, buscando a adequação das empresa ao plano de metas sugerido pelo cronograma do MDIC. O quadro abaixo mostra o cronograma de implantação de consultoria e financiamento nos pólos regionais.

Estudos do Trabalho

Ano XIV – Número 25 – 2020

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Tabela 4 - Pólos com cronogramas de iniciar trabalhos em 2003

PÓLOS A SEREM TRABALHADOS		AGENTE FINANCEIRO
MINAS GERAIS	Montes Claros	Banco do Nordeste
	Uberlândia	Caixa
SÃO PAULO	Ibitinga	Caixa
	São Paulo	Caixa
	Auriflâma	Caixa
	Americana	Caixa
SANTA CATARINA/ VALE DO ITAJAÍ	Brusque	Caixa
	Indaial	Caixa
	Ituporanga	Caixa
	Gaspar	Caixa
	Pomerode	Caixa
	Rio do Sul	Caixa
MATO GROSSO	Timbó	Caixa
	Dourados	Caixa
RIO DE JANEIRO	Campo Grande	Caixa
	Itaperuna	Caixa
RIO GRANDE DO NORTE	Nova Friburgo	Caixa/ BNDES/ SEBRAE
	Santa Cruz	Banco do Nordeste
GOIÁS	Pirinópolis	a escolher
	Catalão	a escolher
PARANÁ	Apucarana	Caixa
	Cascavel	Caixa

Fonte: MDIC (Fórum de Competitividade da Cadeia Produtiva Têxtil e de Confecções), 2002.

Estudos do Trabalho

Ano XIV – Número 25 – 2020

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Com um pouco mais de 14 mil habitantes (Censo 2010) Auriflora tornou-se um dos principais pólos industriais do Estado de São Paulo na produção de confecções de moda íntima feminina, entrando para o mapa produtivo do Estado com uma produção mensal de mais de 2 milhões de peças ao mês exportando entre “10% e 15% da produção, na qual, os principais destinos são a Espanha, Estados Unidos, Itália, Chile, Peru, Colômbia, Portugal, Israel, Japão e Venezuela” negociando em produtos, mais de “162 milhões de dólares com os mercados americano e europeu” (PAVARINA, 2013, p. 28).

Trabalho e Precarização: o avesso da moda

Diversos pesquisadores, entre eles: Amorim (2003); Araujo; Amorim (2001); Cruz-Moreira (2003); Cruz-Moreira; Fleury (1999); Colli (1997) tem contribuído com reflexões sobre as transformações do mundo do trabalho, em especial, referentes ao universo do trabalho têxtil, tratando, sobretudo, dos novos cenários inseridos no contexto neoliberal e suas formas de exploração e apropriação da força de trabalho.

Desse modo, observar a atualidade da dinâmica produtiva e as condições do trabalho em um contexto de relações econômicas internacionais, implica ocupar-se, conseqüentemente, de processos de produção e reprodução que se apresentam em uma dinâmica globalizada.

Neste sentido, o debate perpassa por questões econômicas e os processos que regem a globalização e suas articulações, como: governos, empresas e contextos sociais, evidenciando os trabalhadores e trabalhadoras como base de sustentação da dinâmica produtiva de valor, em um contexto globalizado.

Segundo Chesnais (1996), a década de 1970 anunciava o fim da prosperidade do ciclo de crescimento do pós-guerra, a sociabilidade fordista-keynesiana, no fim da

Estudos do Trabalho

Ano XIV – Número 25 – 2020

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

década, parecia, de fato, ter se esgotado. O modelo fordista de acumulação cuja centralidade era baseada em altas taxas de empregabilidade nos setores industriais, no consumo de massas, no equilíbrio monetário, no poder de negociação da classe trabalhadora sobre os salários e a produtividade do trabalho, e na existência de um Estado administrado para o bem-estar da população, veio à bancarrota.

A derrocada do modelo de acumulação fordista-keynesiana e a ascensão de um novo modelo macroeconômico de acumulação, o neoliberalismo, rearticulam todas as estruturas consideradas rígidas. Baseado na desregulamentação e na liberalização, o novo modelo macroeconômico é definido por Harvey (2012) como: “acumulação flexível”, rearticulando o trabalho, o consumo, os mercados, os produtos, bem como, o direcionamento do Estado para o capital.

O termo “cadeia global de valor” foi desenvolvido para dar materialidade empírica às discussões, até então, bastante abstratas, sobre o processo de globalização (OLIVEIRA, 2015). O conceito buscou dar ferramentas explicativas para as fases do processo produtivo desenvolvido por empresas e trabalhadores, levando em conta os insumos, pesquisa e desenvolvimento do produto, a produção, a distribuição, o *marketing* do produto, bem como, os serviços de pós-venda. O crescimento da fragmentação e reespecialização dessas atividades do processo produtivo elucidam as possibilidades geográficas do processo de produção em caráter global, em uma dinâmica produtiva integrada, na qual, cada fase do processo produtivo gera valor.

O avanço do desenvolvimento tecnológico na década de 1970 possibilitou a renovação da base técnica industrial, o surgimento da microeletrônica, das telecomunicações e da biotecnologia em setores-chaves, revolucionou a base produtiva e financeira da economia, havendo uma mudança radical em todos os setores. A difusão de máquinas e equipamentos com o mesmo padrão tecnológico foi restrita aos países periféricos, na qual, a dinâmica do processo produtivo e do trabalho, para países do Sudeste Asiático, Europa do Leste e América Latina, são atividades laborativas

Estudos do Trabalho

Ano XIV – Número 25 – 2020

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

consideradas intensivas, muito em função do baixo complexo industrial (ALVES, 2018; HARVEY, 2008; HIRATA, 1994).

Tal processo de fragmentação e exteriorização das atividades produtivas, em primeiro momento, representou uma mudança na atividade industrial do setor de confecções dos países de capitalismo central, atingindo, posteriormente, o setor de eletrônicos (ABREU, 1986). A mudança no eixo dinâmico da atividade industrial dos países de capitalismo central deslocou a principal atividade produtiva, o complexo automobilístico, para o complexo industrial de eletrônicos. A criação e consolidação de indústrias em países periféricos, amplamente apoiado por empresas transnacionais, estabeleceram novas relações contratuais entre empresas transnacionais, subsidiárias e empresas subcontratadas de pequeno, médio e grande porte. A fragmentação das atividades produtivas transformou tais empresas em especialistas de funções e serviços dentro da cadeia produtiva, tornando-se economicamente viável em função da redução de custos (DUARTE; SALAS, 2017).

Na visão de Harvey (2008, p. 172), as formas de acumulação engendradas pelo novo modelo macroeconômico, o neoliberalismo, repercute, em maior ou menor medida, em práticas de acumulação que Marx descreveu como “primitivas” ou “originais”, tal prática, a acumulação via espoliação, possui caráter predatório empregando características que recai sobre o trabalhador, relacionado à desvalorização, desumanização e dominação, não apenas do trabalho, mas também do tempo livre. Algumas tendências da nova divisão internacional do trabalho em países subdesenvolvidos têm apontado que o deslocamento geográfico da produção e de serviços para construção de redes econômicas, as cadeias globais de valor, geram impactos estruturais como: desemprego, a precarização do trabalho e da vida, a informalidade e a dessindicalização e o rebaixamento de salários.

Segundo Antunes (2009; 2010), essa nova conformação produtiva no contexto atual do capitalismo é caracterizada pela internacionalização produtiva, o enxugamento e a transferência de grandes empresas transnacionais para unidades produtivas

Estudos do Trabalho

Ano XIV – Número 25 – 2020

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

espalhadas em diversas regiões do mundo, na qual, o custo total da produção é menor. Esse movimento permite exemplificar inúmeros casos de precarização e extremas condições de trabalho, decorrentes desse mesmo processo de internacionalização produtiva como, por exemplo, os casos emblemáticos de suicídio dos trabalhadores da Foxconn, na China, fabricante de produtos eletrônicos para empresas, como: Sony e Apple, etc. Ou mesmo, o desabamento do edifício Rana Plaza, em abril de 2013 em Bangladesh¹². Esses exemplos evidenciam as condições nefastas de trabalho e flexibilidade desmedida apoiada amplamente por transnacionais e políticas de Estado para reduzir custos e ampliar mercados.

Mas não pense que essa seja uma realidade restrita ao mundo asiático, nada disso. Partilhando de condições de trabalho semelhantes, a fábrica Ares Confeções, tem se tornado nos últimos anos uma unidade produtiva *outsourcing* para grandes marcas, como: Nike, Adidas, C&A, Mizuno, Track & Field etc., reproduzindo características de trabalho intensas, na qual, visa atender especificações rigorosas de qualidade do produto e tempo de produção, com baixo salário alto risco a saúde das trabalhadoras.

“As qualificações exigidas no interior desse “novo modelo produtivo”, representado pelo modelo empresarial japonês, contrastam fortemente com aquelas relacionadas com a lógica taylorista de remuneração, de definição de postos de trabalho e de competências: trata-se da capacidade de pensar, de decidir, de ter iniciativa e responsabilidade, de fabricar e consertar, de administrar a produção e a qualidade a partir da linha, isto é, ser simultaneamente operário da produção e de manutenção, inspetor de qualidade e engenheiro.” (HIRATA: 1994, p. 126).

¹² O local concentrava diversas unidades de confecções que prestavam serviços para diversas marcas, entre elas: Nike e Adidas, centenas de trabalhadores têxteis perderam suas vidas vítimas de extremas condições de trabalho. A matéria completa pode ser vista em: TEITEBAUM, Alejandro. *A catástrofe do Bangladesh: uma amostra grátis do capitalismo mundializado*. (Trad. Bruno Góis). Diário da Liberdade. 11 ago 2013. Disponível em: <<https://www.diarioliberalidade.org/mundo/reportagens/40844-acat%C3%A1strofe-do-bangladesh-uma-amostra-gr%C3%A1tis-do-capitalismo-mundializado.html>>

Estudos do Trabalho

Ano XIV – Número 25 – 2020

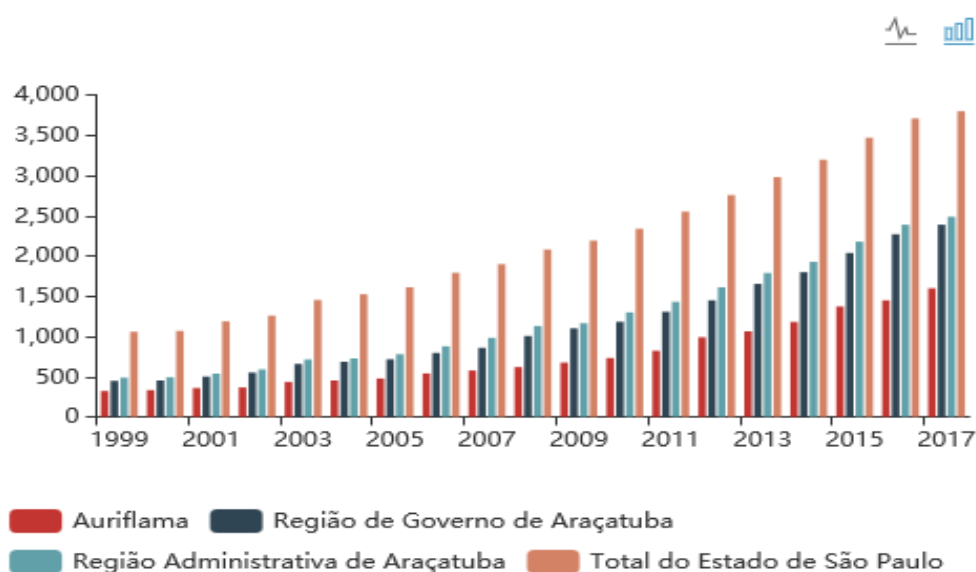
Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Segundo dados da fundação SEADE (2017) o rendimento médio dos empregos formais na indústria de Auriflamma no período de 1999 a 2017 em forma de salário, manteve a série histórica, abaixo da média da macrorregião de Araçatuba (2,5 salários mínimos) e do Estado de São Paulo (3,5 salários mínimos), as indústrias de Auriflamma pagam, em média, 1,5 salários mínimos. Os dados são referentes aos salários pagos nos empregos formais da indústria, podendo haver um rebaixamento de salário ainda maior quando pensamos nos tipos de trabalho mais precário, como: trabalho à domicílio, de facções e terceirizados, ou na própria desigualdade em relação ao gênero.

Rendimento médio dos Empregos Formais da Indústria (em reais correntes) 1999-2017



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego – MTE Relação Anual de Informações Sociais – Rais.

Desse modo, é importante olhar para o trabalho e quem trabalha, quer dizer, as dinâmicas de trabalho na fábrica Ares Confeccões devem ser compreendidas enquanto produto da dinâmica econômica da cadeia produtiva de valor. Observando as variáveis

Estudos do Trabalho

Ano XIV – Número 25 – 2020

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

dentro do embate entre capital-trabalho no que se refere a salários, precarização das condições laborais e incidência de adoecimentos.

Incluindo na análise a dimensão da divisão sexual do trabalho, sobretudo para pensar as condições do trabalho feminino nos países periféricos que, conforme Hirata (1994, p. 136), apesar muitos setores terem sofrido processos de modernização, ainda coexistem um cenário de divisão entre modelos produtivos que se apresentam de diferentes maneiras para homens (o trabalho flexibilizado) e mulheres (o trabalho taylorizado), mesmo quando há uma mescla dos dois modelos, o trabalho feminino se mostra atípico.

Assim como no setor eletrônico, o ramo indústria têxtil concentra grande parte da força de trabalho feminina. Seus postos de trabalho são, em grande medida, em funções manuais e, quando há automatização, é preciso conviver com os ruídos emitidos pela máquina de costura. O trabalho é organizado sob métodos flexíveis de gestão, as funções de execução do trabalho são repetitivas e com poucas oportunidades de crescimento profissional. Os riscos de adoecimento laboral devido ao trabalho manual e repetitivo aumentam, na medida em que, o ritmo de trabalho é tencionado, exigindo, ao mesmo tempo, qualidade total dos produtos. Além disso, o trabalho feminino incorpora dinâmicas extra-trabalho no interior da atividade laboral, devido sua sociabilidade no processo reprodutivo, como: sustento familiar, cuidado com os filhos e o funcionamento da casa, estabelecendo laços de comprometimento com o trabalho (HIRATA, 1994).

Ademais, esses elementos levam à reflexão quando pensamos a combinação entre força de trabalho mal remunerada e a intensidade do trabalho desenvolvido em um país periférico, como tem se mostrado o caso dos trabalhadores e trabalhadoras da fábrica têxtil Ares Confecções, influenciando diretamente no rebaixamento da qualidade de vida e no aumento da precarização da vida e do trabalho, se mostrado um cenário propício ao adoecimento (físico e psicológico).

Estudos do Trabalho

Ano XIV – Número 25 – 2020

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Considerações finais

A partir do debate acerca das transformações que ocorrem no Brasil e no mundo nas questões relativas ao trabalho e seus impactos na saúde dos trabalhadores e trabalhadoras. É perceptível que a flexibilização do trabalho, de forma notória, intensificou as relações de exploração da força de trabalho por meio da precarização laboral, sobrecargas laborais, terceirização, trabalhos temporários e informais, com um tipo singular em cada país e em cada ramo industrial, do comércio e dos serviços (ALVES, 2018; ANTUNES, 2009; 2010).

O processo de externalização produtiva na indústria de confecções é uma prática antiga que hoje é realizada por empresas transnacionais por meio de pequenas, médias e grandes empresas, no contexto da reestruturação produtiva. Essa prática foi intensificada adquirindo nova roupagem, a flexibilização das relações de trabalho, a manutenção do trabalho intensivo com mesclas do modelo produtivo taylorista e toyotista, bem como, a baixa inserção tecnológica, demonstrando que a indústria de confecções, apesar de alguns pontos de modernização, dialoga intensamente com formas pretéritas de trabalho.

O processo de terceirização ou subcontratação articulada com as tecnologias da informação e gestão estabelece um controle maior da empresa contratante sobre a empresa subcontratada, possibilitando um incremento ainda mais intenso da precarização do trabalho e das condições de vida dos trabalhadores, uma vez que a queda brutal dos custos e a qualidade do produto são prerrogativas essenciais para o estabelecimento do contrato.

Ademais, sobrecargas laborais, trabalho insalubre, assédios, adoecimentos físicos e mentais fazem parte de um conjunto de elementos cotidianos enfrentados pelos trabalhadores e trabalhadoras que estão inseridos em um contexto de produção de mais-valia global, em indústrias de manufatura como o setor de confecções têxteis. A busca

Estudos do Trabalho

Ano XIV – Número 25 – 2020

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

constante por vantagens competitivas no contexto das cadeias globais de valor tem usado a força de trabalho feminina (ainda que a redução de custos do trabalho não seja indiferente aos sexos) como uma das estratégias na redução de custos, pelo baixo custo e suas habilidades com destreza das mãos, pelo entendimento da facilidade do controle do trabalho feminino e por se tratar de um contingente de trabalhadoras que ocupa, em geral, os trabalhos mais precários do mercado de trabalho.

Referências

ABREU, Alice Rangel de Paiva. *O avesso da moda, trabalho à domicílio na indústria de confecção*. São Paulo: Hucitec, 1986.

ALVES, Giovanni. *A grande crise do capitalismo tardio (1973-1975) in: O duplo negativo do capital: ensaios sobre a crise do capitalismo global*. Bauru: Canal 6, 2018, p. 31-56.

AMORIM, Elaine Regina Aguiar. *No limite da precarização? Terceirização e trabalho feminino na indústria de confecções*. Dissertação de Mestrado: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2003.

ANTUNES, Ricardo. *Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. - [2.ed., 10.reimpr. rev. e ampl.]. - São Paulo, SP: Boitempo, 2009.

ANTUNES, Ricardo. *Produção Liofilizada e a precarização estrutural o trabalho*. In Sant'ana, Raquel Santos. *Avesso do trabalho II: trabalho, precarização e saúde o trabalhador*. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 21-40.

ARAÚJO, Ângela Maria Carneiro; AMORIM, Elaine Regina Aguiar. *Redes de subcontratação e trabalho a domicílio na indústria de confecção: um estudo na região de Campinas*. Campinas, Cadernos Pagu 17/18, 2001/02, p. 267-310.

BINI, Danton Leonel de Camargo. *Mudanças históricas e implicações sócio-espaciais na composição das atividades agropecuárias hegemônicas na região de Araçatuba*. Dissertação de Mestrado, FFLCH, USP. São Paulo, 2008.

CHESNAIS, F. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996.

COLLI, Juliana Marília. *O faconismo pelo avesso: um estudo das formas de organização do trabalho*. A facção no ramo de tecelagem no pólo têxtil de Americana – SP. Campinas, 1997 (Dissertação de Mestrado).

CRUZ-MOREIRA, Juan Ricardo e FLEURY, Afonso Carlos. *Reestruturação e realocação produtiva da indústria do vestuário no Brasil*. São Paulo: ENEGEP, 1999. de educação profissional em debate. São Carlos: UNITRABALHO, 1999.

Estudos do Trabalho

Ano XIV – Número 25 – 2020

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

CRUZ-MOREIRA, Juan Ricardo. *Industrial upgrading nas cadeias produtivas globais: reflexões a partir das indústrias têxtil e do vestuário de Honduras e do Brasil*. Tese de Doutorado – Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, Departamento de Engenharia de Produção, São Paulo, 2003.

DUARTE, Christian; SALAS, Carlos. *As novas e velhas máscaras da terceirização no capitalismo contemporâneo*. Campinas: CESIT, 2017 Disponível em: <<http://www.cesit.net.br/as-novas-e-velhas-mascaras-da-terceirizacao-no-capitalismo-contemporaneo>>. Acesso em: 20/01/2020.

GOMES, Maria Teresinha Serafim. *O Processo de Reestruturação Produtiva em cidades médias do oeste paulista: Araçatuba, Birigui, Marília, Presidente Prudente e São José do Rio Preto*. Tese de Doutorado, FFLCH, USP. São Paulo, 2007.

GONÇALVES R. *Vagão Descarrilhado: o Brasil e o futuro da economia global*, Rio de Janeiro, Ed. Record, 2002.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2012.

HARVEY, David. *O neoliberalismo: história e implicações*. São Paulo, Edições Loyola, 2008.

HIRATA, Helena. Da polarização das qualificações ao modelo de competência”. In: FERRETTI, C. et. al. (orgs.). *Novas Tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 128-137.

JINKINGS, Isabella; AMORIM, Elaine Regina Aguiar. Produção e desregulamentação na Indústria têxtil e de Confecções. In: Antunes, Ricardo (Org.). *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2006. p. 337-385.

LIMA, Jacob Carlos. Novas formas, velhos conteúdos: diversidade produtiva e emprego precário na indústria do vestuário. *Revista Política e Trabalho*, nº 15, p. 121-139, 1999. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior Secretaria do Desenvolvimento da Produção: fórum de competitividade da cadeia produtiva têxtil e de confecções, 2002. Disponível em: <<https://www.redetec.org.br/wp-content/uploads/2015/02/resTexConfecoes21112002.pdf>> Acessado em: 25/01/2020.

NOGUEIRA, Alessandra. Dona de confecções de Auriflama tem bens bloqueados na justiça. Folha da Região 12/04/2002. Disponível em: <<http://jornalvirtual.folhadaregiao.com.br/arquivo//2002/04/12/econ01.php>> Acessado em: 20/01/2020.

NOGUEIRA, Alessandra. Empresário investe US\$ 5 mi no MS. Folha da Região. Araçatuba: 05/09/2001. Disponível em: <

Estudos do Trabalho

Ano XIV – Número 25 – 2020

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

http://jornalvirtual.folhadaregiao.com.br/arquivo/2001/09/05/econ01r1.php?PHPSESSID=&HTTP_REFERER=jornalvirtual.folhadaregiao.com.br> Acessado em: 17/01/2020.

NOGUEIRA, Alessandra. Município é obrigado a importar mão-de-obra. Folha da Região. Araçatuba: 05/09/2001. Disponível em : <http://jornalvirtual.folhadaregiao.com.br/arquivo/2001/09/05/econ01r2.php?PHPSESSID=&HTTP_REFERER=jornalvirtual.folhadaregiao.com.br> Acessado em: 17/01/2020.

OLIVEIRA, S. E. M. C. O. *Cadeias globais de valor e os novos padrões de comércio internacional: estratégias de inserção de Brasil e Canadá*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, Brasília, 2015. Disponível em: <http://funag.gov.br/loja/download/1124-cadeias_globais_de_valor_e_os_novos_padroes_internacionais.pdf> Acessado em: 29/02/2020.

PAVARINA, Paula. *Lingerie Frelith: Expansão internacional e consolidação da marca através de novas estratégias de marketing e da prospecção do mercado de moda íntima*. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Grupo de estudos e extensão em marketing internacional. Franca, 2013.

PIRES M. C. *Os sucessivos e fracassados planos de combate à inflação: Cruzado, Bresser, Arroz com Feijão, Verão e Collor* in: PIRES, M. C. *Economia Brasileira: da colônia ao governo Lula*, São Paulo, Saraiva, 2010.

SADER E. *A vingança da história*. São Paulo, Boitempo, 2007.

SATO, Eliane Eme. Confecções impulsionam setor industrial de Aurifloma. Folha da Região. 29/09/2002. Disponível em: <<http://jornalvirtual.folhadaregiao.com.br/arquivo/2002/09/29/cida06.php>> Acessado em: 20/01/2020.

SINGER, P. *O Brasil na Crise: perigos e oportunidades*. Contexto, São Paulo, 1999.

SPOSITO, Eliseu Savério. *O novo mapa da indústria do início do século XXI: Diferentes paradigmas para a leitura das dinâmicas territoriais do Estado de São Paulo*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

TEITEBAUM, Alejandro. *A catástrofe do Bangladesh: uma amostra grátis do capitalismo mundializado*. (Trad. Bruno Góis). Diário da Liberdade. 11 ago 2013. Disponível em: <<https://www.diarioliberalidade.org/mundo/reportagens/40844-acat%C3%A1strofe-do-bangladesh-uma-amostra-gr%C3%A1tis-do-capitalismo-mundializado.html>>. Acessado em: 13/01/2020